

QUANDO RELIGIÃO E ESTUDOS DE LÍNGUAS SE ENCONTRAM: O ADVÉRBIO *ONDE* EM TEXTOS DE TEMÁTICA RELIGIOSA

Adriana dos Santos Souza CREVELIN¹

Resumo: O presente artigo busca apresentar o uso do item ONDE em textos religiosos medievais. Tal proposição se pauta mediante o fato de haver o uso do ONDE em referências que estariam para além de sua etimologia – uso locativo consagrado nos compêndios gramaticais – como usos temporais ou esvaídos de sentido, conforme estudos já publicados (SOUZA, 2007). A pesquisa ora relatada foi feita a partir da análise de textos religiosos e, por isso, estudamos também algumas marcas discursivas correntes nesses tipos de textos, as quais influenciariam no uso locativo do referido item. As obras pesquisadas foram os livros medievais *Virgeu de Consolaçon* e *Boosco Deleitoso*. Concluiu-se que, dadas características dos textos religiosos, houve significativo uso do ONDE como locativo.

Palavras-chaves: ONDE; Texto religioso; Uso locativo.

Abstract: This article aims to present the use of WHERE item in medieval religious texts. This proposition is guided by the fact of using the WHERE references that would be beyond its etymology – locative use enshrined in grammatical textbooks – as temporal or no sense of purpose, as published studies (SOUZA, 2007). The now reported study was made from the religious texts analysis and, therefore, also studied some current discursive marks in these types of texts, which would affect the locative use of that item. The works were researched medieval books *Virgeu de Consolaçon* and *Boosco Deleitoso*. It was concluded the characteristics of religious texts, there was significant use of the WHERE as locative.

Keywords: WHERE; Religion text; Locative.

Introdução

O presente artigo compreende um recorte do trabalho intitulado *Tempo e espaço: a gramaticalização do item adverbial ONDE em textos religiosos: séculos XIV, XVI e XXI* (2007). Trata-se de uma pesquisa sobre o uso do ONDE em textos medievais em comparação a textos produzidos no início do século XXI, com temática religiosa, a fim de estudar os empregos locativos e não locativos, muitos registrados em diversos textos, mas não tão reconhecido pela norma culta padrão.

Por se tratar de análise de textos religiosos, destacamos que religião e estudo das línguas humanas caminham juntos há muito tempo. Por vários anos, acreditou-se que o hebreu era a língua primitiva, a que originou as demais manifestações linguísticas, justamente por ter sido aquela por meio da qual Deus se comunicou com o homem, inicialmente. Buescu (1969) acredita que a explicação para essa hipótese esteja pautada em uma interpretação literal da Bíblia, em referência ao livro do Gênesis, cujo conteúdo descreve a criação da palavra pelo Criador para que Adão o compreendesse. Outras

¹ Professora da Faculdade Metropolitana de Maringá, mestre em letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e doutora em estudos da linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Email: drisansou@gmail.com

línguas surgiram, nessa perspectiva religiosa, a partir da modificação do hebreu, como resultado da soberba humana ao tentar atingir o céu em Babel. Dessa forma, as línguas e as religiões, desde longa data, estão relacionadas, interagem-se e nos revelam muitos “mistérios” concernentes a cada um dos eixos dessa relação.

O próprio vocábulo “religião” é exemplo dessa integração. Vem do latim *legere* (colher) e significa reunir, recolher. Na Roma antiga, religião se identificava, às vezes, com a família, às vezes com o Estado. No Oriente Semítico, religião coincidia com a tribo, permitindo-se observar que, quando a Bíblia fala em Deus de Abraão e de Isaac, por exemplo, faz referência, justamente, ao clã de cada um deles. Posteriormente, a religião correspondia ao povo hebreu, o *qahal*, que em grego virou *ekklêsia* (convocação, assembleia). Do grego para o latim, alterou-se para “igreja”.

Há muitas classificações para as religiões, dependendo do ponto de vista adotado. Toma-se o conceito divino e têm-se religiões monoteístas, politeístas, panteístas. Se considerarmos a expansão geográfica, classificam-se as religiões em africanas, asiáticas etc. Ao adotar uma classificação com base na espiritualidade, o Catolicismo é considerado profético porque pretende transmitir mensagens divinas por meio de profetas, “os porta-vozes”.

Ao pesquisar linguisticamente textos de temática religioso-católica, faz-se necessário discorrer sobre a história da própria igreja Católica. Diante da riqueza de dogmas, dos inúmeros fatos históricos e das muitas discussões que se atribuem a essa religião, optamos por apresentar apenas um breve relato sobre o Catolicismo, uma vez que não pretendemos discutir a religião Católica. Também discorreremos sobre os temas mais recorrentes dessas produções, com destaque para aqueles predominantes no período medieval, visto que as obras escritas em português arcaico datam desse período. Essas obras revelam a evolução linguística de nosso idioma.

As marcas discursivas dos textos religiosos também são abordadas, pois o seu reconhecimento auxilia na análise de textos escritos em português arcaico, no que diz respeito à escolha lexical, ao contexto e ao recorrente uso de advérbios locativos e temporais em diversos gêneros visitados.

Embora exista entre o período medieval e o contemporâneo uma grande distância temporal, associada às diversas mudanças no cenário mundial, não realizamos uma abordagem minuciosa em relação à Igreja Católica na atualidade. Os principais dogmas do Catolicismo têm-se mantido (ou se tem pretendido mantê-los) ao longo dos séculos, o que nos permitiu apresentar apenas comentários gerais sobre essa religião nos dias de hoje. Comentamos também algumas marcas discursivas presentes nesses textos, principalmente os advérbios em relação às obras *Virgeu de Consolaçon* e *Boosco deleitoso*.

Cristianismo católico: sua origem e desenvolvimento

Na história das religiões, o Cristianismo católico constitui-se um desenvolvimento do Judaísmo. Há, no entanto, diferenças entre eles: o Catolicismo reconhece um profeta superior a Moisés, Jesus de Nazaré. Também se distingue pela consciência de que o Cristo já veio e, com sua vinda, deu-se início ao reino de Deus na terra. Individualiza-se, ainda, pelo fato de ser considerada uma religião universal, que não distingue raça nem nação, contrariando o Judaísmo, que exige a origem ou descendência judaica de seus fiéis. Em relação à Bíblia, os católicos uniram a Sagrada Escritura dos judeus à mensagem de Cristo, tornando o livro sagrado composto por dois testamentos: o Antigo (escritos judaicos) e o Novo (a mensagem de Jesus).

Na religião católica, os fiéis podem seguir a vida cristã por meio do sacramento do matrimônio (casamento) ou de forma mais intensa, como os chamados religiosos. Muitos deles se isolam da sociedade, dedicando-se às orações. Na história Católica, muitos testemunhos desses homens e mulheres chamaram atenção, pois o isolamento conferia ao pecador uma “certa” autoridade, por estar “em contato” mais direto com Deus. Na vida dos religiosos, ao lado do isolamento, estão os votos de pobreza (a renúncia aos bens materiais); de castidade (a renúncia da constituição familiar) e de obediência (a renúncia dos próprios planos em favor dos planos divinos). Esse isolamento é verificado no *Boosco deleitoso*, por exemplo, ao se constatar que o pecador é chamado para o ermo, a solidão, a fim de purificar-se e de alcançar o reino dos céus.

Historicamente, as primeiras comunidades cristãs eram estruturadas em torno dos apóstolos. O Império Romano, pautado em três núcleos culturais (romano, grego e oriental), protegia o Cristianismo que se expandiu, copiando e se estruturando tal como o Estado Romano. Além de se basear na organização política, o Catolicismo adaptou festas pagãs para o culto cristão. Isso ocorreu com uma das festividades mais importantes do calendário católico, o Natal, pois o estabelecimento da data, aos 25 de dezembro, na verdade, foi uma alternativa encontrada para acabar com a popularidade de uma grande celebração em honra a um deus pagão.

De acordo com Konigs e Zilles (1997), no mesmo período romano, no entanto, a expansão cristã tornou-se uma ameaça para o Estado, que perseguiu e puniu os cristãos de forma violenta. Foi somente com as profundas modificações realizadas pelo imperador Constantino para com o Estado e a Igreja, ao atribuir suas vitórias ao Deus cristão, que o Catolicismo conseguiu êxito. Transformado em religião pelo imperador Teodósio I, em 380 d.C., o Cristianismo expandiu-se pelas áreas de influência romana. O favorecimento da Igreja tornou o clero uma classe social à parte.

Com a derrocada do Império Romano e o desenvolvimento do Oriente, a Igreja começou a perder força. Ainda na Idade Média, dividiu-se em Ocidental e Oriental. Na Europa, associou-se ao Estado (sobretudo o mundo germânico), legitimando o poder dos reis e, em contrapartida, sendo protegida por eles, por meio do aparato bélico civil.

Próximo ao fim da Idade Média, a Igreja viveu o Grande Cisma Ocidental (o governo de dois papas), o relaxamento moral e os escândalos envolvendo papas renascentistas. Esses eventos prepararam o mundo para a Reforma Protestante. Das realizações da Igreja, na Idade Média, destacam-se a escola e a universidade. O também legado literário desse período permitiu vários estudos acerca da História da humanidade, da religião e da Língua Portuguesa. Destacam-se, ainda, no âmbito religioso, as figuras de São Francisco e de São Domingos, que fundaram duas ordens religiosas importantes para o Catolicismo.

Na Idade Moderna, o Catolicismo viveu os impactos provocados pela Reforma Protestante; reformulou seu trabalho missionário, criou novas ordens religiosas e conduziu a Contra-Reforma como um meio de se reestruturar. O desenvolvimento das ciências, no entanto, relegou os preceitos cristãos a um segundo plano, destacando o Iluminismo. A disseminação dos ideais iluministas e a queda do Estado monárquico provocaram novas transformações na Igreja, que foi acusada de riqueza e de domínio, denunciada pela existência de uma classe clerical rica (formada pelos religiosos de origem abastada) e outra pobre, além do fato de muitos cargos políticos de confiança estarem nas mãos de membros da Igreja.

Com a descoberta do “novo mundo”, a Igreja Católica concentrou seus esforços em prol de sua expansão nas colônias portuguesas e espanholas. O impulso missionário se desenvolveu nessas regiões, mas o Catolicismo foi imposto aos nativos.

Mais tarde, quando o movimento de independência dessas terras, principalmente as espanholas, tomou fôlego, o clero apoiou firmemente as atitudes de separação da metrópole.

No Brasil, a Companhia de Jesus não fez diferente no que diz respeito à evangelização. Os índios foram catequizados e a presença do clero em questões políticas foi também efetiva. Em 1759, no entanto, os jesuítas foram expulsos de solo brasileiro, com a reforma pombalina.

No século XIX, houve um crescimento no número de pessoas que buscava pela espiritualidade, tanto na Igreja Católica como em outras religiões. O Concílio Vaticano I, realizado em 1870, serviu para fortalecer a Igreja e, após ele, outras transformações se seguiram no interior dela. As mais importantes advêm do Concílio Vaticano II, iniciado em 11 de outubro de 1962 e concluído em 08 de dezembro de 1965, quando se refletiu globalmente sobre a própria Igreja. Promulgaram-se constituições, decretos e declarações. Para a Santa Sé,

[...] a palavra ‘Constituição’ é reservada para textos que dizem respeito à exposição de verdades doutrinárias, o termo ‘Decreto’ designa textos que expõem disposições disciplinares. Quanto sei, a forma de ‘Declaração’ é [...] um juízo sobre determinado estado de coisas ou sobre o problema concreto (KLOPPENBURG, 2000, p. 32).

Esses documentos – duas constituições dogmáticas (*Lumen Gentium* e *Dei Verbum*), uma constituição pastoral (*Gaudium et Spes*) e vários decretos – estabeleceram, por exemplo, a adoção da língua vernácula nas missas em substituição ao latim; reconheceram a influência dos meios de comunicação para a propagação do “reino de Deus”; estabeleceram princípios sobre as atividades das Igrejas Orientais Católicas, de bispos e de presbíteros; discutiram sobre a formação sacerdotal e sobre a Educação Cristã; discutiram a relação da Igreja com as demais religiões, entre outros pontos.

É após esse concílio, por exemplo, que a Renovação Carismática Católica (RCC) se desenvolve, pois os dons, os carismas² do Espírito Santo são ensinados no decreto *Apostolicam Actuositatem* e na *Lumen Gentium*. Esses grupos de oração, com intuito de despertar a consciência “da presença e ação do Espírito Santo na Igreja e no coração de cada fiel”, foram influenciados pela Renovação Carismática Pentecostal. Alguns grupos católicos foram incompreendidos e mal vistos pela Igreja Católica por causa dos “excessos” de euforia de louvores, do combate à figura de Maria e aos santos e também porque alguns praticantes acreditavam ter os dons de cura e de falar, durante a pregação, em outras línguas.

Em relação aos papados, o de João Paulo II, encerrado em 2005, foi um dos mais representativos, por ter propiciado o diálogo entre os grandes líderes políticos e religiosos da atualidade, por ter chamado a atenção dos jovens para a evangelização e por ter permitido que movimentos como a Renovação Carismática Católica se desenvolvessem com maior autonomia.

² Segundo Miranda (1993), carisma para a teologia católica é dom do Espírito Santo a serviço da comunidade. Para alguns membros da RCC, carisma é o “maravilhoso”, o “falar em línguas” e até certos tipos de exorcismo, por meio da operação de libertação interior de alguém.

Textos medievais

Em relação ao pensamento religioso medieval, Saraiva (1983) salienta que a vida terrena era desvalorizada ao passo que, após a morte do corpo, iniciava-se o período de vida perfeita, inalterável. Nos textos religiosos medievais, buscava-se contrapor esses dois pólos, ao mostrar que o alcance da vida eterna se daria somente por meio do sofrimento na vida terrena. A passagem pela terra era apenas o meio para se atingir a vida perdurável. A ênfase atribuída ao sofrimento terreno e à exaltação da morte do corpo aparecia em narrativas intensas, como as descrições sobre a morte dos anjos, narradas como um momento alegre de passagem. A causa da morte não era mencionada e, quando ela chegava, o cristão ou o representante de Deus já estava “morto para o mundo”.

A vida dos santos era utilizada como espelho para o pecador, para que ele se baseasse nas experiências santas e edificasse sua vida. A vida de Santo Aleixo, que deixou a riqueza da família para mendigar, é exemplo das humilhações a que um cristão deveria se sujeitar para alcançar o reino dos céus (essa é apenas mais uma típica história do rico que abandona tudo para se dedicar ao Criador). Ao lado dele, surge a história de Santa Maria Egípcíaca, prostituta que se arrepende, tal como Maria Madalena.

O medo do inferno e o alcance do céu também são temas comuns na literatura medieval. No mosteiro de Alcobaça, um dos textos narrados conta a história de Túndalo (ou Túngulo), cavaleiro que pôde visitar o céu e o inferno e regressar à vida para contar como fora a viagem. Nela, o inferno apresentava várias seções. Cada pecado tinha seu castigo enquanto o céu era visto como um lugar ensolarado, com construções de ouro, cravejado de pedras preciosas. O inferno, em contrapartida, era fétido, mescla de calor e de frio intenso, repleto de sofrimento e de escuridão, abrigo de monstros e de criaturas horrendas. Posteriormente, vários pintores e escritores descreveram essa experiência, como Bosch e Dante, respectivamente.

O simbólico também é encontrado nas produções de cunho religioso medievais. Nesse sentido, os números e os animais representavam verdades religiosas. Tome-se o caso dos números sete, quatro e três. O primeiro poderia significar os sete dias da semana ou os sete pecados capitais; quatro representaria as letras do nome de Adão ou os quatro evangelistas; três referir-se-ia à Santíssima Trindade.

Em relação aos animais, a figura de Jesus Cristo poderia ser simbolizada pelo leão, pela águia ou pela fênix, dependendo da intenção do autor. A simbologia também se estendia aos objetos, verificada em um texto de Santo Antônio sobre a expulsão dos ladrões por Jesus do templo. O santo decompõe o templo em partes e “enxerga” nelas várias representações: o alicerce simbolizaria a humildade; a parede equivaleria à virtude e o telhado, à caridade.

Essas representações simbólicas também se encontrariam nas Sagradas Escrituras. Na parábola do Bom Samaritano, o homem menosprezado seria Adão, expulso do paraíso e o samaritano, o próprio Cristo. No *Orto do esposo* (1956), texto produzido no final do século XIV, há passagens referentes ao Cântico dos Cânticos, em que se interpretaria o amor carnal como a expressão do amor de Deus.

A tênue fronteira entre o natural e o sobrenatural, nos textos medievais, era verificada por meio da intervenção de Deus e dos milagres. São Gregório Magno, em seus *Diálogos*, foi um dos grandes propagadores dessas intervenções divinas.

Todas essas considerações em torno do homem, as contradições entre o plano espiritual e o temporal e sua espiritualidade no período medieval são retratadas, tanto nos textos produzidos nesse período, como nos contemporâneos.

Obras analisadas

Em apresentação à edição crítica de *Virgeu de Consolaçon*, Bem Veiga (1958) informa que o texto por ele pesquisado se encontra, em sua versão original, no Códice Alcobacense CCXLIV/211. A obra se divide em cinco partes, ao longo de 78 capítulos. A primeira parte aborda, especificamente, os sete pecados capitais: soberba, inveja, ira, preguiça, avareza, gula e luxúria, reservando a cada um deles um capítulo. A segunda discorre sobre aqueles pecados que nascem a partir desses pecados capitais, como a arrogância, a hipocrisia, a mentira etc. A terceira trata das sete virtudes mais chegadas a Deus: fé, esperança, caridade, sabedoria, fortaleza, temperança e justiça. As duas últimas partes também destacam virtudes “honestas e que son pera salvamento da alma”, como paciência, jejum, esmola e amizade.

Quanto à autoria da obra, discorrem os filólogos sobre vários nomes, uma vez que os textos desse período não costumavam ser assinados por seus autores, permitindo aos pesquisadores a formulação de hipóteses. Uma delas considera que se trata de uma tradução de *Veridiarium consolationes*, de S. Pedro Paschoal; outra nomeia como autor Frei Jacobo de Benavente, frade que viveu em meados do século XIV.

Concernente a essa inquietação, Pe. Mário Martins (*apud* BEM VEIGA, 1958), em pesquisa sobre o assunto, comenta a existência de dois códices e de um incunábulo castelhano com títulos idênticos: *Virgeu de consolaçon*, *Vergel de grand consolacion e Vergel de consolación*, este último atribuído ao frei supracitado. A semelhança entre os textos levou o padre a crer que as três obras eram a mesma.

Para a análise, adotamos a versão portuguesa do *Vergel de consolación*, atribuído ao Frei Jacobo de Benavente. Por ser uma edição crítica, o texto apresenta ajustes tipográficos e de pontuação que, de acordo como o compilador, seguem as regras vigentes em 1958, ano de impressão do livro.

Boosco deleitoso, a outra obra investigada, constitui um tratado dirigido aos pecadores, convidando-os a deixarem o mundo profano (*segre*) e irem para um lugar pacífico, sossegado e solitário, o ermo. A obra inicia com o pecador arrependido sendo levado a um bosque (*boosco*) muito agradável, onde reza para se libertar das trevas da morte. Depois das orações feitas, aparece um mancebo com vestes brilhantes que o leva para a residência das sete virtudes mais chegadas a Deus (fé, esperança, caridade, sabedoria, fortaleza, temperança, justiça), virtudes também descritas no *Virgeu de consolaçon*, e à presença de uma “dona” e de Dom Francisco. Este louva a vida solitária, assim como outros personagens – Dom Cícero, São Bernardo, Santo Tomás de Aquino – que convencem o pecador a mudar de vida. Ao fim da obra, a alma do pecador é levada para o céu, terra perdurável, introduzida na glória celestial.

Embora a obra seja datada do século XVI (1515), J. Leite de Vasconcelos (1959) revela que o *Boosco* possui uma linguagem mais antiga, talvez do início do século XIV:

Na Biblioteca Nacional há um, sem rosto (na subscrição final lê-se *Boosco delleytoso*, e é por isso que o cito assim). Esta obra, ainda que impressa no primeiro quartel do século XVI, representa porém uma fase linguística muito mais antiga, dos começos do século XIV [...] O estilo é o mesmo das obras místicas do século XIV e da Corte Imperial. Talvez *Boosco delleytoso* não passe de reprodução de uma obra impressa no século XV, de que não se conheça hoje nenhum exemplar (VASCONCELOS, 1959, p. 126-127).

Essa informação nos faz refletir sobre os problemas que os documentos da fase inicial da Língua Portuguesa apresentam, pois a incerteza do século em que foi produzida a obra influencia nos resultados de qualquer análise. A isso se acrescentam as palavras de Megale (2002) sobre o trabalho com manuscritos antigos. Para o autor, é tarefa árdua porque podemos encontrar variações gráficas, correções e alterações na estrutura do texto realizadas por parte do copista. Além disso, não se pode precisar a quantidade de copistas que trabalharam para fazer as cópias, muitas vezes, única, das obras que temos hoje.

Ao nos depararmos com as ocorrências frequentes da forma arcaica *u* em texto do século XVI, frente à informação dos filólogos de que a variante já não era recorrentemente utilizada no referido período, voltamos nossa atenção a essas explicações feitas por Vasconcelos (1959) e Megale (2002), que nos levam a admitir a possibilidade de o *Boosco deleitoso* ter sido escrito em um período anterior ao século em que foi impresso.

Júlio Dantas (*apud* MAGNE, 1944), em análise sobre os 44 códices da livraria do Infante D. Fernando, refere-se a uma obra intitulada *Herma Espiritual*, presente de Fernão Lopes a D. Fernando. Postula-se que se trate da obra que foi publicada posteriormente sob o título de *Boosco deleitoso solitário*, a pedido da rainha D. Leonor. Magne (1944) limita-se a dizer que isso constitui uma suposição, pois não há nada comprovado. No entanto, a frequente ocorrência das palavras *ermo e espiritual* no *Boosco* contribui para que a explicação acima, sobre a origem da obra, seja possível.

As dúvidas quanto à data de produção também se estendem à figura do autor do *Boosco*. Considera-se que haja muita semelhança entre o texto analisado e um tratado escrito por D. Felipa de Lencastre, *Tratado da vida solitária*. A linguagem do primeiro, porém, leva a crer que o texto fora criado antes do nascimento de D. Felipa.

Outro texto que parece ter influenciado o autor do *Boosco* é *De vita solitária*, de Petrarca. Nessa obra, escrita em 1356, há um elogio à solidão e ao silêncio, ao longo de duas partes. Na primeira, o solitário procura um bosque e nele se deleita com a solidão e os prazeres da oração e da leitura. Na segunda parte, traz exemplos cristãos concernentes aos solitários. Menciona também Horácio, Virgílio, Cícero, além de outros renomados filósofos.

A semelhança entre as duas obras é visível em diversos momentos. Conforme Magne (1944), do capítulo XVI ao CXVII, encontram-se “leves falhas e interpolações” entre elas; além disso, D. Francisco do *Boosco* seria o próprio Francisco Petrarca. Não se trata, entretanto, de uma tradução portuguesa do texto latino:

Porquanto o nosso inteligente compilador conseguiu apresentar-nos um conjunto mais espiritual, menos erudito, mais poético: inspirando-se em ascetismo mais profundamente cristão, contenta-se com aduzir o pensamento de clássicos como Cícero ou Virgílio, em-vez de transcrever-lhes as formais palavras, e transforma seu arrazoado em solene cenário onde, um após outro, comparecem, devidamente caracterizados, os apologistas da vida do êrmo (MAGNE, 1944, p. V).

Mediante o seu caráter doutrinário, a obra apresenta várias citações bíblicas e essas passagens são tantas que Martins (1979) supõe que o autor tenha “digerido” o livro sagrado. Cânticos dos Cânticos, Salmos, Lamentações de Jó, Livro do Eclesiástico, Gênesis, Apocalipse, são alguns dos livros citados. Dada essa grande

quantidade de trechos bíblicos, o pesquisador assinala que não se pode dizer que o *Boosco* seja uma tradução do *De vita solitaria* de Petrarca.

A presente edição do *Boosco deleitoso* apresenta algumas modificações por parte de Magne (1950) as quais, segundo ele, facilitam a leitura da obra, ampliando, dessa forma, o número de leitores desse tipo de texto. Houve simplificação de grafia, introdução da pontuação, uso de alíneas e emprego de recurso itálico em passagens referentes às inovações linguísticas.

Marcas discursivas nos textos de temática religiosa e o uso do ONDE locativo

Marcuschi (2005), ao definir os gêneros textuais, expõe que as atividades religiosas não abrangem um gênero particular, mas origina vários deles. Dessa forma, os diversos tipos de textos sobre a religião católica que compõem os *corpora* desse trabalho constituem-se como diversos gêneros textuais, específicos do discurso religioso, porque apresentam fins de doutrinação, além de diversas marcas, consideradas próprias desse discurso.

A discussão acerca das características do discurso religioso serve como base para o entendimento dos contextos em que aparecem advérbios, especialmente o item *ONDE* – objeto de estudo na dissertação *Tempo e espaço: a gramaticalização do item adverbial ONDE em textos religiosos: séculos XIV, XVI e XXI*, de Souza (2007). De acordo com Almeida (2001), o texto religioso apresenta efeito de sentido instantâneo, envolvendo tempo e espaço. Nesses textos, evocam-se todos os tempos (presente, passado, futuro), na busca pela eternidade, e o espaço, porque é o ponto de encontro entre o céu e a terra.

Chamamos o item *ONDE* como item adverbial, uma vez que os estudos o classificam como pertencentes à classe dos advérbios (MACAMBIRA, 1990; PERINI, 1996; NEVES, 2004; BECHARA, 2004). Para esta pesquisa, apresentamos apenas seis trechos com análise. O fragmento foi retirado das obras analisadas e indicamos sua versão em português atual, elaborada pela autora do artigo. Em alguns exemplos dos registros pesquisados, parte-se de algumas proposições estabelecidas pela Análise do Discurso para analisar o emprego semântico-sintático do item *ONDE*. Mediante os objetivos propostos para o presente trabalho, que não se voltam exclusivamente para uma pesquisa de base discursiva, referimo-nos aos gêneros que compõem os *corpora* de *texto de temática religiosa* ou, simplesmente, *texto religioso*.

Segundo a autora, o texto bíblico é o “discurso fundador da narrativa”, o que justifica a recorrente retomada de passagens da Bíblia porque, a partir dela, estabelece-se a organização textual dos enunciados. Além disso, os excertos bíblicos outorgam autoridade à fala do representante de Deus. No *Boosco deleitoso*, dentre tantas citações bíblicas, pode-se destacar esta, retirada do Evangelho de São Mateus (Mt 18, 20), que contempla, inclusive, o uso interrogativo do item *ONDE*:

(1) XXXVII, p. 89: U som dous ou três ajuntados em o meu nome, i som eu em meo deles, disse o Senhor.

ONDE dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles, disse o Senhor.

Para Orlandi (1996), no discurso religioso, Deus se define como sujeito por excelência, o criador. É aquele que nomeia, mas não é nomeado. O discurso religioso é aquele em que a voz de Deus fala; quando o padre fala, é a voz de Deus que fala. Desse

modo, o representante não pode alterá-la, pois não tem autoridade para isso. Ressaltamos que são poucos os homens que podem ser representantes do Senhor, em virtude de sua vocação especial (episcopado, presbiterato, diaconato, os consagrados sob votos de pobreza, de castidade e de obediência). Nesse sentido, algumas ressalvas em relação à RCC são realizadas, justamente pela chamada “imposição das mãos”, o “batismo do Espírito”, pois esse ato desconsidera o sacramento do Batismo tradicional, diminuindo o papel da Igreja e do clero, “autorizando” a cada um o poder de comunicar-se mais diretamente com Deus. Almeida (2001) acrescenta que o discurso religioso é fechado em si por causa da repetição e das paráfrases. Por meio das orações e das narrativas sobre santos, cria-se a ilusão de o sujeito (pecador) igualar-se ao Sujeito (Deus), em que se ultrapassaria o plano temporal para o espiritual. Essa reversibilidade (a troca de papéis durante a interação entre locutor e ouvinte), no entanto, não é permitida, porque não se pode ocupar o lugar de Deus, hierarquicamente superior.

No plano temporal, destacam-se a figura do papa e de todo clero, enquanto no plano espiritual se encontram a figura dos mediadores, os santos e Nossa Senhora. Jesus está em lugar à parte por se tratar do próprio Deus.

A partir dessa assimetria (temporal/espiritual), surgem outras no discurso religioso, como a imortalidade/mortalidade, vida/morte, céu/terra, paraíso/inferno. Essas oposições são marcadas, gramaticalmente, por elementos adverbiais locativos e temporais.

Vejam os seguintes exemplos que a referência a lugar se faz presente em *Virgeu da Consolaçon*. Nos fragmentos, observamos que o advérbio *ONDE* é empregado em referência a lugar, antecedido pela palavra lugar (*logar*), marcando a ideia dessa relação entre o espaço e o tempo na religião:

(2) III, 317: *Non queyra nêhũu seer vestido de vestiduras nobres en logar hu seja visto...*

Não queira nenhum ser vestido com vestes nobres em lugar ONDE seja visto...

(3) II, 699: *E en aquel logar se trabalha mais e cata razon pera enpeencer, hu vee o homen star mais forte en bõo fecto.*

Naquele lugar, ONDE se vê o homem ficar mais forte e em bom feitio, trabalha-se mais e procura-se motivos para prejudicar...

(4) V, 1840: *...e non he logar publico hu possam dar de sy bõo exemplo e ensinar e castigar.*

E não há lugar público ONDE possam dar bom exemplo, ensinar e castigar.

(5) V, 2154: *E porende, jrmãaos, trabalhemos muyto pera hyr a aquel logar tan seguro, e logar muy doce, hu seremos avondados sen falecimento...*

E por isso, irmãos, trabalharemos muito para ir àquele lugar tão seguro e muito doce, ONDE seremos saciados eternamente...

Em todas as passagens acima, verificamos o valor locativo de *hu*. Embora também apresentem o substantivo *lugar* precedendo o *ONDE* na citação (05), o item retoma um sintagma formado por um núcleo genérico (lugar) determinado por um

adjetivo (bom). O *lugar bom* em questão é o próprio Deus. Em cada religião, o Criador é representado de uma forma: árvore, mãe, pai. No Catolicismo, Ele é representado por Jesus. Ao considerarmos que Jesus veio ao mundo em forma humana, admitimos que a ele podemos atribuir a representação sagital de espaço e classificamos como locativo o emprego do elemento pesquisado.

(06) V, 948: ... *eu son vida, e non ha logar bõo hu vaas, senon a mjn, nen logar bõo hu folgues senon en mjn.*

Eu sou vida, e não há lugar bom aONDE vais, senão a mim, nem lugar bom ONDE se alivie, senão em mim.

No fragmento (06), a presença da preposição *a*, além do verbo de movimento *ir*, caracteriza a indicação de direção, valor que não será foco de estudo neste trabalho. O segundo emprego do *hu* é relativo locativo: retoma um sintagma formado por um núcleo genérico (lugar) determinado por um adjetivo (bom). O *lugar bom* em questão é o próprio Deus. Em cada religião, o Criador é representado de uma forma: árvore, mãe, pai. No Catolicismo, Ele é representado por Jesus. Ao considerarmos que Jesus veio ao mundo em forma humana, admitimos que a ele podemos atribuir a representação sagital de espaço e classificamos como locativo o emprego do elemento pesquisado.

Orlandi (1996, p. 247) complementa que, no discurso religioso,

[...] a própria fala é ritualizada, é dada de antemão. Há fórmulas para se falar com Deus, mesmo quando se caracteriza essa relação de fala pela familiaridade, pela informalidade. Isso porque, quando se fala com Deus, se o faz por orações ou por expressões mais ou menos cristalizadas (como: Ó meu Deus! Faça com que...).

Além dessas expressões mais ou menos cristalizadas, segundo a autora, existem também propriedades e marcas que permeiam esse tipo de discurso. As primeiras compreendem a “totalidade do discurso e sua relação com a exterioridade, enquanto que a marca diz respeito à organização do discurso” (ORLANDI, 1996, p. 257). O que caracteriza propriedade no discurso religioso é a não-reversibilidade: não é possível o sujeito (homem), na interação, ocupar o lugar do Sujeito (Deus). Acrescenta-se a isso o fato de que a fala divina não pode ser alterada pelo representante de Deus, porque ele jamais se apropria do lugar do Criador; ele mantém sempre seu estatuto de interlocutor.

As marcas do discurso religioso, por sua vez, partem da assimetria entre o temporal e o espiritual, realizada por meio de antíteses e de negações (ou denegação, que é negar o negativo, o pecado). Essa denegação explica as partes que compõem as várias espécies de discurso religioso, que se organizam com base na exortação, no enlevo e na salvação. Na exortação, reconhecem-se os sujeitos entre si (“irmãos”) e separam-se os que pertencem dos que não pertencem àquela comunidade cristã. No enlevo, dá-se a “ilusão” de reversibilidade. A salvação constitui o pedido do representante divino ou o agradecimento do fiel.

Outras marcas do discurso religioso são: uso de imperativos e de vocativos, que constituem formas próprias de discursos de doutrinação; metáforas, explicadas por paráfrases que indicam a leitura mais apropriada, uma vez que o texto religioso permite diversas leituras; citações em latim, que recebem atenção similar à dispensada à metáfora (traduções realizadas por meio de perífrases extensas que exploram os efeitos

de sentido sugeridos pelas diferenças linguísticas existentes entre a tradução e o original); uso de sintagmas cristalizados (as orações) etc. Para as unidades textuais, Orlandi (1996) considera o emprego da parábola ou o uso de temas como a vida eterna, a provisoriedade humana, como marcas desse discurso.

Nas palavras da autora, as marcas “podem derivar de qualquer nível de análise linguística (fonológico, morfológico, sintático, semântico) ou de unidades de qualquer extensão (fonema, morfema, palavra, sintagma, frase, enunciado, partes do texto, texto)” (ORLANDI, 1996, p. 259).

Uma característica importante do discurso religioso e que tem relação com as condições de produção é a intertextualidade, cuja referência textual constante é a Bíblia. Interessante notar também que as marcas enumeradas como pertencentes ao discurso religioso se aplicam igualmente a outros tipos de discurso.

Conclusão

Embora encontremos em textos, tanto medievais como os produzidos atualmente, usos diversos do item ONDE (função sintática, sentido etc.), conforme trabalhos de Souza (2007), Marinho (2002), Coelho (2001), Pires de Oliveira (1998), nos trechos aqui apresentados, temos o item ONDE com sentido locativo, em função de retomada, designando lugar ou uma pessoa geograficamente posicionada – Deus no céu. Por se tratar de textos de temática religiosa, a possibilidade de uso do ONDE em referência locativa é considerável, pois, em textos religiosos, a contradição de extremos locativos – céu/terra, céu/inferno é bem constante. Tal característica do texto religioso foi destacada neste artigo, a partir de considerações teóricas sobre discurso religioso.

Dessa forma, considera-se que, para além do emprego semântico/sintático de itens gramaticais, faz-se necessário também considerar o tipo de texto analisado, bem como as marcas discursivas que ele apresenta.

Referências

- ALMEIDA, Eliana de. Discurso religioso: um espaço simbólico entre o céu e a terra. In: DI RENZO, Ana Maria. (Org.). **Sociedade e discurso**. Cáceres: UNEMAT, 2001. p. 27-62.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2004.
- BEM VEIGA, Albino de. **Virgeu de consolaçon**. Edição crítica de um texto arcaico inédito. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1958.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulus, 2001.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. **Textos pedagógicos e gramaticais de João de Barros**. Lisboa: Verbo, 1969.
- COELHO, Sueli Maria. **Uma análise funcional do ONDE no português contemporâneo**: da sintaxe ao discurso. 2001. 123 f. Dissertação (Mestrado)– Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- KLOPPENBURG, Fr. Boaventura. Introdução geral aos documentos do concílio. In: **Compêndio do Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KONINGS, Johan; ZILLES, Urbano et al. (Org.). *Religião e cristianismo*. 7. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português**. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1990.

- MAGNE, Augusto. **A Demanda do Santo Graal**: glossário. v. III. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MARINHO, Janice Helena Chaves. **O funcionamento discursivo do item ONDE: uma abordagem modular**. 2002. Tese (Doutorado)–Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, UFMG, Belo Horizonte, 2002.
- MARTINS, Mário. **A Bíblia na literatura medieval portuguesa**. Coimbra: Biblioteca Breve, 1979. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/bvcbibbreve/035/bb35.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2016.
- MAGNE, Augusto. **Boosco deleitoso**. Edição crítica. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1950.
- MALER, Bertil. **Orto do Esposo**. Edição crítica. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1956.
- MEGALE, H. A Presença dos dois Períodos do Português Arcaico em um Mesmo Códice do Século XV: A Demanda do Santo Graal. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis et al. (Org.). **Descrição do Português**: linguística histórica e historiografia linguística. Araraquara: Laboratório Editorial Unesp/Cultura Acadêmica, 2002. p. 119-140.
- MIRANDA, D. Antônio Afonso de Miranda. **O que é preciso saber sobre a renovação carismática**. Aparecida: Santuário, 1993.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.
- PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Os caminhos do ‘ONDE’: uma contribuição da semântica ao ensino de língua materna. In: CABRAL, Loni Grimm; GORSKI, Edair (Orgs.). **Linguística e ensino**: reflexões para a prática pedagógica da língua materna. Florianópolis: Insular, 1998.
- SARAIVA, António José. **A cultura em Portugal**: teoria e prática. v. II. Lisboa: Livraria Bertrand, 1983.
- SOUZA, Adriana dos Santos. **Tempo e espaço**: a gramaticalização do item adverbial ONDE em textos religiosos: séculos XIV, XVI e XXI. 2007. 137 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, 2007.
- VASCONCELLOS, J. Leite. **Lições de Filologia Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livro de Portugal, 1959.

Submetido em 09 de setembro de 2016.

Aprovado em 19 de outubro de 2016.